
Os Títulos de Gabriel Medina e Adriano de Souza na Mídia Especializada: uma Análise das Matérias da Revista Hardcore nas Versões Impressa e Online¹

Adânia SOUZA²

Raquel PAIVA³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo expõe as biografias dos dois campeões brasileiros mundiais de surfe, Gabriel Medina e Adriano de Souza, e suas respectivas trajetórias pelo olhar da mídia especializada, nas publicações impressas e digitais da revista Hardcore. Através da análise quantitativa e dos adjetivos usados nesse material aplicado aos conceitos de jornada do herói, ídolo e mito, o artigo pretende entender porque apenas Gabriel Medina foi alçado ao posto de herói do esporte brasileiro.

Palavras-chave: Gabriel Medina; Adriano de Souza; surfe; ídolo; revista Hardcore.

Introdução

O trabalho apresentará os conceitos de mito, ídolo e herói, com base nas teorias de Bruno Roedel e Joseph Campbell. Essas definições serão aplicadas no universo do esporte e do jornalismo esportivo, envolvendo as teses de Ronaldo Helal e Felipe Mussa. O desenvolvimento desses conceitos será utilizado no estudo comparativo da abordagem, na mídia especializada, dos dois brasileiros campeões mundiais de surfe: Gabriel Medina, em 2014, e Adriano de Souza, em 2015.

Portanto, serão apresentadas as bases e regras desse esporte, acompanhadas do histórico do surfe de competição e suas instituições reguladoras. Na sequência, expõe-se um panorama das carreiras de Gabriel e Adriano, através de um resumo de suas biografias, escritas por Túlio Brandão e Márcia Vieira, respectivamente.

Por fim, a análise das matérias se concentra na revista brasileira HardCore e é constituída por um estudo quantitativo das publicações impressas e digitais que trazem referência, seja no texto ou em imagens, às figuras de Gabriel Medina ou Adriano de Souza. Na sequência, expõe e compara os adjetivos e expressões utilizados para

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: adaniasouza@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: paivaraquel@hotmail.com

caracterizar as performances, as conquistas e a vida social de cada atleta. Aplicada a isso, tem-se ainda os critérios de noticiabilidade do jornalismo, definidos por Nelson Traquina, num caminho que visa entender o que fez com que apenas Gabriel Medina fosse elevado ao patamar de herói da nação brasileira.

O ídolo-herói

Baseado nos estudos de Campbell, Roedel (2008) apresenta o mito clássico e as etapas da aventura do herói. A partida caracteriza o primeiro estágio, iniciado com o chamado da aventura, um desafio que afasta o herói do caminho dos humanos. Ao aceitar essa aventura, o herói recebe a orientação de um mentor, normalmente mais velho e assim se distancia totalmente do mundo comum. O segundo grande estágio é a iniciação, quando o herói enfrenta desafios, inimigos e o declínio no mundo sobrenatural para depois ressurgir consagrado e se libertar das condições limitadoras do comum. Completada a aventura, ele retorna ao mundo dos humanos afim de perpetuar seu legado e enriquecer a sociedade com seus feitos, configurando assim o terceiro estágio. O herói só completa sua jornada quando seu propósito beneficia o coletivo, “a proeza do herói, por definição, não é o êxito pessoal, egoísta, é o êxito de todo o povo” (ROEDEL, 2008, p. 14-15).

Na era moderna, os ídolos e seus respectivos fãs encontram na mídia sua condição de possibilidade. “A relação ídolo-imprensa-público só se desenvolve se os três tiverem participação. Quando algum vértice desse triângulo não se impõe, a relação entre eles não se sustenta” (SERRA *apud* MUSSA, 2010, p. 29). Nesse cenário, o esporte se configura como um terreno fértil, assim como o jornalismo esportivo. Helal afirma que os ídolos do esporte se enquadram mais facilmente na categoria de heróis, enquanto os da música ou da dramaturgia são apenas celebridades. “A explicação desse fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte” (HELAL, 2003, p.1).

As narrativas brasileiras priorizam ainda a genialidade e o improvisado como características essenciais para o sucesso, pois o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis e confere singularidade aos ídolos. Ao explicar a análise de Gilberto Freyre sobre o estilo de futebol brasileiro, Roedel (2008) apresenta dois termos usados por Friedrich Nietzsche: apolíneo e dionisíaco. Enquanto o primeiro está mais ligado à racionalidade, um estilo formal e ponderado, o segundo é emocional e impulsivo.

O surfe de competição

As bases do surfe profissional surgiram em 1976 e evoluíram, sob comando havaiano, para a criação da *International Professional Surfers* (IPS), que consagrou seis

campeões australianos e um sul-africano no circuito equivalente ao atual *World Championship Tour* (WCT). Em 1983, a IPS foi incorporada à americana *Association of Surfing Professionals* (ASP), essa chegou ao fim em 2014 depois de 15 títulos americanos (sendo 11 de Kelly Slater), 10 australianos, cinco havaianos, um inglês e um brasileiro, com Gabriel Medina. Apesar de ser um estado americano, o Havaí defende sua bandeira de forma independente nas competições de surfe. Desde 2015, os torneios são regulamentados pela californiana *World Surf League* (WSL), que já acumula dois títulos havaianos, ambos de John John Florence, e um brasileiro, de Adriano de Souza. Através desse panorama, fica evidente o domínio dos americanos e australianos no surfe.

O WCT é considerado a elite do esporte e reúne 32 atletas, que competem ao redor do mundo, de março a dezembro, em diferentes padrões de onda. O surfista com maior somatório ao fim da temporada, excluindo as duas piores pontuações, recebe o título de campeão mundial. Os dez últimos colocados do WCT são rebaixados para o *World Qualifying Series* (WQS), espécie de segunda divisão, e os 10 melhores das qualificatórias garantem vaga na elite. Por ano, os atletas do WCT são obrigados a disputar, no mínimo, duas etapas do WQS. As etapas *prime* são as que rendem maior pontuação, 10 mil pontos. Nos anos de 2014 e 2015, que serão aqui analisados, o WCT passou pelos seguintes países: Austrália (com três eventos, que compõem a perna australiana), Brasil, Ilhas Fiji, África do Sul, Taiti, Estados Unidos, França, Portugal e Havaí, totalizando 11 etapas. Cada campeonato era composto de oito fases: do Round 1 até a final, com baterias de 30 a 35 minutos de duração, onde só são computadas as duas melhores notas de cada surfista, que variam de 0 a 10.

A linha mais convencional e tradicional do surfe é chamada de *base-lip*, onde o surfista desliza entre a base da onda e sua crista (em inglês, *lip*). A nova geração explora mais as manobras aéreas, nas quais o surfista se descola da onda e faz movimentos no ar. Além disso, existem atletas regulares e *goofies*. Os primeiros se caracterizam por colocarem o pé esquerdo na frente e terem o direito como pé de apoio, portanto, nas ondas que quebram da direita para a esquerda (ondas direitas), os regulares surfam de frente para a onda (*frontside*) e, nas esquerdas, surfam de costas para a onda (*backside*). Já o *goofy* se apoia no pé esquerdo, surfando de costas nas direitas e de frente, nas esquerdas. Adriano de Souza é regular e mais afeito ao surfe clássico. Já Gabriel Medina é *goofy* e dono de um grande arsenal de aéreos. Desde 1976, os regulares somam 32 títulos mundiais masculinos, sendo 11 de Kelly. Já os *goofies* têm 10 troféus.

A partir de 2011, uma leva de talentosos surfistas brasileiros começou a despontar nas competições e recebeu, da imprensa americana, a alcunha de *brazilian storm*, ou tempestade brasileira. Antes desse movimento, o melhor resultado de um brasileiro na elite tinha sido em 1999, com o terceiro lugar do fluminense Victor Ribas. Entre 2011 e 2017, o WCT teve cinco brasileiros entre os dez melhores do ranking: o catarinense Alejo Muniz, os paulistas Filipe Toledo, Gabriel e Adriano, e o potiguar Ítalo Ferreira.

Gabriel Medina

Gabriel Medina é filho de Simone Medina e Claudio Ferreira, nascido em 22 de dezembro de 1993, na cidade de São Sebastião, no litoral paulista. O grande responsável pela inserção do surfe em sua vida foi Charles Saldanha, que se tornou seu técnico e, mais tarde, padrasto/pai. O debute do surfista foi no Rip Curl Grom Search, um dos circuitos amadores mais importantes do mundo. Aos 10 anos, foi vice-campeão em Florianópolis e venceu a categoria sub-12 em Búzios, no Guarujá e na Austrália. Os triunfos lhe renderam uma vaga na Rip Curl, marca australiana que ainda estampa suas pranchas.

No tradicional evento francês, *King of the Groms*, de 2009, os juízes e o público viraram no brasileiro, segundo Brandão (2015). Na final, Medina fez 20 pontos de 20 possíveis. Na sequência, dominou a categoria sub-18 do Junior ISA Games, além do vice-campeonato sub-16, conquistado anteriormente. “Em abril de 2009, Gabriel era o júnior mais badalado do mundo. Passou a ser tratado como fenômeno pela mídia, candidato absoluto a um título mundial e a esperança do país” (BRANDÃO, 2015, p.80).

Em 2011, a ASP realizou um corte no WCT no meio da temporada, em vez da transição no fim do ano, como de costume, e unificou os rankings das duas divisões. Pressionado, Gabriel venceu o *prime* de Santa Catarina e foi vice-campeão em Portugal. Na França, dominou a etapa júnior e a da divisão de acesso, se tornando o primeiro a vencer consecutivamente os dois eventos em 32 anos. No júnior, acumulou “sete baterias consecutivas vencidas por combinação, três notas 10, uma média de 20 pontos, as nove melhores ondas do evento e os sete melhores somatórios de baterias”. (ADIS *apud* BRANDÃO, 2015, p. 84). Na Espanha, conquistou outro título, o quarto do ano mais vitorioso de sua carreira, e a confirmação do passe para o WCT, aos 17 anos.

O caminho na elite

Estreante, venceu duas etapas de cinco disputadas: na França e na Califórnia, mesclando aéreos com manobras clássicas e derrotando Kelly no caminho. No fim da temporada, Gabriel ficou com a 12ª colocação do ranking tendo competido apenas cinco

das 11 etapas do ano. Em 2012, precisou se adaptar a temporada anual do circuito e a uma maior valorização do surfe base-*lip*, e não tanto dos aéreos, nas notas. Seus melhores resultados no ano foram o vice-campeonato de Fiji, numa final contra Slater, e de Portugal, contra o australiano Julian Wilson, resultado que provocou muitas contestações nas mídias sociais, segundo Brandão (2015). O ano terminou com o brasileiro na sétima posição do ranking e um contrato com a IMX, empresa de marketing esportivo do então badalado Eike Batista. “Cesar Villares, executivo responsável pela conta, tratou de espalhar a notícia na imprensa, acompanhada de uma foto do empresário com o surfista. A estratégia deu enorme visibilidade ao jovem” (BRANDÃO, 2015, p.113).

Em 2013, Gabriel lesionou o tornozelo na primeira etapa e passou apagado na Austrália. No Rio, foi eliminado por Adriano na semifinal. Na França, conseguiu médias altíssimas, mas perdeu o título para Mick. Terminou o ano com o título mundial Júnior e a 14ª posição no ranking do WCT. O status de celebridade se consolidou e Villares inseriu sua imagem na TV aberta. Mas o ano terminou com uma fratura na fíbula do pé direito, uma entorse de quarto grau e ligamentos rompidos enquanto surfava, de férias, no Havaí.

O ano do título

Depois de muitos treinos físicos, Medina iniciou a etapa da Gold Coast apenas com um incômodo no pé. Nas baterias, priorizou o surfe clássico e passou por três australianos nas fases finais: Mick Fanning, Taj Burrow e Joel Parkinson - “na ordem, um recém-coroadado campeão mundial, um tricampeão da prova e um ex-campeão do mundo e local, especialista nas ondas de Snapper” (BRANDÃO, 2015, p.129). Surfando de *backside*, Gabriel dominou e venceu a primeira etapa do ano. Em Margaret River, avançou até as quartas de final e em Bells, foi eliminado no Round 5 por Adriano. No Rio, perdeu na terceira fase e saiu da primeira para a quinta posição do ranking.

Nas Ilhas Fiji, o brasileiro venceu com tranquilidade para reassumir a liderança do ranking e não largar mais. Na sequência, foi até as quartas de final em sua estreia na África. No Taiti, Medina somou 18,67 contra 4,15 pontos do americano Bede Durbidge na semifinal e enfrentou Slater na luta pelo título, após o americano derrotar John John numa das melhores baterias da história do esporte. Na final, o brasileiro garantiu 9,53 e 9,43 e, por três décimos, se sagrou campeão do tradicional evento, em ondas históricas.

Na Califórnia, avançou até as quartas de final. No Brasil, nasceu a #VaiMedina. A produção dos amigos PH Costa Blanca e Thiago Correa reuniu nove depoimentos em 36 segundos: os veteranos surfistas Ricardo Bocão, Rico de Souza, Bruno Santos e Carlos

Burle; o fotógrafo Fábio Minduim; o ator Kleber Toledo; o ex-diretor da Associação Brasileira de Surfe Profissional (Abrasp), Marcelo Andrade; e os jogadores de futebol Neymar e Robinho. Os discursos motivacionais faziam uma retrospectiva do ano de Gabriel e falavam sobre o fato de nunca terem visto um brasileiro campeão mundial de surfe, numa alusão a campanha da Sadia para a Copa do Mundo de 2014, na qual crianças falavam o mesmo para a seleção brasileira. A repercussão foi instantânea no Brasil e no mundo, na mídia tradicional e nas redes sociais, dois meses depois da seleção perder, em casa, por 7 a 1 para a Alemanha na semifinal do Mundial.

No WCT, Medina seguiu para a França, onde avançou até as quartas de final. Em Portugal, na terceira fase, a 2m40s do fim da bateria, se confundiu com o tempo e a falha custou sua eliminação. Mick venceu a etapa e se tornou o principal rival do brasileiro pelo título mundial. Ao chegar no Brasil, Gabriel chamou atenção no *prime* de Maresias, mesmo com a eliminação no Round 4.

Em Pipeline, venceu na terceira fase, pondo fim às chances de título de Kelly, que foi eliminado por Alejo. O catarinense também foi o almoz de Mick no Round 5. Assim, Gabriel se tornou o primeiro brasileiro campeão mundial de surfe. “Foi elevado, bandeira em punho, no palco mais sagrado do esporte, diante de uma multidão de súditos, que gritava a plenos pulmões pela conquista” (BRANDÃO, 2015, p.183). Depois das comemorações, voltou para a água e garantiu vaga na final. O campeonato terminou com vitória, por pouco, de Julian Wilson e o vice de Medina foi o melhor resultado de um brasileiro na etapa. “O jovem de 20 anos com a bandeira do Brasil amarrada à cintura, levantou no palanque a taça de campeão do mundo de 2014. Com a conquista, igualou o recorde de Kelly, de campeão mais novo da história” (BRANDÃO, 2015, p.190).

Para Brandão (2015), Gabriel tirou o surfe do desconhecido. Segundo Villares, o título o consolidou como o segundo esportista mais valorizado da propaganda brasileira, atrás apenas de Neymar. Na volta ao Brasil, foi recebido por mais de 200 pessoas no Aeroporto Internacional de Guarulhos. Gabriel foi eleito, pela revista *Times*, uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, na categoria Ícones, e foi finalista na categoria Esportes de Ação do prêmio *Laureus Awards*, maior honraria do esporte mundial.

Adriano de Souza, o Mineirinho

Luzimar e Jonas de Souza abandonaram o Nordeste no início dos anos 1980, fugindo da fome, e se instalaram no Guarujá, cidade do litoral paulista. Em 13 de fevereiro de 1987, nasceu o caçula Adriano de Souza. Sua vida no surfe começou aos oito anos,

numa tentativa de Ângelo, o irmão doze anos mais velho, de afastá-lo das tentações da favela Santo Antônio. “Com o tempo, o mais novo herdou o apelido do mais velho. Pelo jeito calado e muito observador, Ângelo ficou conhecido como Mineiro. Adriano virou Mineirinho” (VIEIRA, 2017, p. 23). O primeiro reconhecimento mundial de Adriano veio em 2003, quando, aos 16 anos, venceu o Mundial Júnior sub-20, e se sagrou o atleta mais jovem a conquistar esse título. A estreia na elite foi na temporada de 2006.

O Capitão Nascimento do WCT

Na primeira etapa, na Gold Coast, ficou em terceiro e o resultado acendeu um alerta no Brasil. A comunidade do surfe nacional passou a projetar em Adriano os anseios por um grande ídolo e um possível título. A pressão teve um impacto negativo e Adriano terminou como 20º no ranking mundial, sendo o brasileiro mais bem colocado. Em 2007, assegurou sua permanência no WCT graças ao bom desempenho na divisão qualificatória.

No ano seguinte, o brasileiro se firmou entre os melhores do mundo. Em dez etapas disputadas, foram quatro nonos lugares, três quartas de final e duas semifinais, sendo uma delas uma acirrada batalha com Slater, então oito vezes campeão mundial. “Segundo o site Datasurfe, Adriano foi o brasileiro que mais ganhou de Kelly até 2016: onze vezes. Adriano chegou a ser chamado de a ‘kriptonita’ de Kelly, uma referência ao único ponto fraco do Super-Homem, pelos locutores da WSL” (VIEIRA, 2017, p.85). Ao fim da temporada, foi o sétimo do ranking, além de receber da ASP o prêmio *Most Improved* pela maior evolução de um ano para o outro.

Em 2009, a revista americana *Surfing* publicou: “pela primeira vez em muito tempo, o Brasil tem um competidor legítimo - e ele não tem intenção de desapontar seu país” (VIEIRA, 2017, p.63). Na primeira etapa do ano, Adriano foi derrotado por Parkinson na final. Nas ondas espanholas, conquistou seu primeiro título no WCT e terminou o ano entre os cinco melhores surfistas do mundo. Em 2010, foi o 10º colocado. Em 2011, conquistou sua primeira vitória em terras brasileiras, na etapa do Rio. Em Peniche, derrotou Slater na final. Com isso, foi o quinto do ranking, assim como em 2012.

A temporada seguinte começou com título logo na segunda etapa. Em 2013, no evento mais antigo do circuito mundial, um brasileiro foi campeão pela primeira vez e quebrou o troféu da etapa. “Comemorações comedidas nunca fizeram parte do estilo de Adriano” (VIEIRA, 2017, p. 75). Ele sempre foi considerado uma máquina de competir e a gana de ganhar baterias virou marca registrada e incomodou. Dos amigos, “ganhou o apelido de Capitão Nascimento, numa referência ao personagem durão vivido por Wagner

Moura no filme *Tropa de Elite*, de José Padilha” (VIEIRA, 2017, p.84). Na sequência de Bells, conseguiu um segundo lugar em Margaret River, mas o bom começo não perdurou no restante do ano e o surfista terminou a temporada de 2013 na 13ª colocação.

O ano seguinte foi marcado por uma série de lesões. Em maio, no Rio, levou uma pancada da prancha na virilha e, mesmo lesionado, seguiu até o Round 5 da etapa, sendo o brasileiro mais bem colocado. Um mês depois, torceu o tornozelo e sofreu uma lesão no rosto, fraturando o nariz. Em outubro, durante a etapa de Portugal, torceu o joelho. Seguiu competindo com dores e, por muito pouco, foi derrotado nas quartas de final. Retornou ao Brasil e se dedicou intensamente à fisioterapia, escapou de uma cirurgia, mas não se recuperou a tempo de competir no Havaí.

Em 2014, Gabriel Medina ergueu o título de campeão mundial de surfe e Adriano terminou com a 8ª colocação no ranking. A conquista do amigo o deixou decepcionado por não ter realizado o sonho de ser o primeiro campeão brasileiro, mas ver o compatriota no topo do mundo fez com que sua “obsessão pelo título mundial deixasse de ser um desejo cego para ganhar retoques de uma possibilidade concreta” (VIEIRA, 2017, p.19).

O ano do título

A pré-temporada foi marcada por dedicação e incerteza. Lesão tratada, o novo problema era de ordem política. O surfista teve o primeiro pedido de visto australiano negado e foi informado de uma punição que o impediria de voltar ao país pelos cinco anos seguintes. Com as questões resolvidas fora da água, Adriano foi avassalador nas águas da Oceania. No primeiro evento, foi até a semifinal, quando perdeu para o brasileiro Filipe Toledo, campeão da etapa. Em Bells Beach, a final entre Adriano e Mick terminou com ambos somando 15,27. Como critério de desempate foram comparadas as maiores notas de cada atleta e, por 0,40 pontos, o título ficou com Mick. Em Margaret, Adriano derrotou John John na final e assumiu a liderança do ranking.

No Rio, foi derrotado no Round 3, assim como nos eventos de Fiji, Taiti e Portugal. Na África do Sul, foi até as quartas-de-finais. Na Califórnia, Adriano reencontrou Mick na final e ficou com a segunda colocação. Na França, foi derrotado na semifinal por Gabriel, o campeão da etapa. A decisão ficou para o Havaí. O título estava entre Brasil e Austrália, com Adriano, Gabriel, Filipe, Julian, Owen Right e Mick, sendo que o último dependia apenas de si. Na semifinal, Gabriel venceu Fanning, Adriano bateu o havaiano Mason Ho.

O sonho de uma vida se tornara realidade. [...] Se ressentia por jamais ter sido apontado como um possível campeão, mesmo estando entre os cinco melhores. Num mesmo dia ser campeão do mundo e de Pipeline, o torneio que tem as ondas mais cobiçadas e ameaçadoras do mundo, era mais do que ousara imaginar (VIEIRA, 2017, p.146-147).

Revista Hardcore

Lançada em abril de 1989, a Hardcore é definida como “a mais surf do Brasil”. Composta por jornalistas, fotógrafos e colaboradores brasileiros e internacionais, a HC conta com publicação mensal de revista impressa e conteúdo diário nas plataformas digitais. Uma pesquisa divulgada pela Editora 3 traçou o público majoritário que lê a HC: 93% masculino, 55% classe A, 70% entre 20 e 35 anos, 85% solteiros, 55% com nível superior e 78% surfista.

Para configurar o panorama da cobertura dos dois títulos mundiais de surfe conquistados por atletas brasileiros, foram analisadas as matérias veiculadas entre o término da última etapa de 2013 e começo da primeira de 2016, com foco nas publicações que traziam o nome de Gabriel ou Adriano no título e as que foram estampadas com as fotos desses atletas nos destaques. Em relação às competições, foram consideradas apenas as apresentações dos eventos e os resultados de cada fase. Portanto, foram desconsideradas as matérias constituídas apenas por link para a transmissão e as que reportavam sobre dias de descanso nos campeonatos.

A representação de Adriano e Gabriel na HC

Em 2014, o grande destaque do cenário esportivo brasileiro era a realização da segunda Copa do Mundo de futebol no Brasil, depois de 64 anos, alimentada pela esperança de que a seleção ganharia o sexto título. A pré-temporada de surfe rendeu, na HC, duas matérias com Gabriel (lesão e premiação do Mundial Júnior) e uma com Adriano (novo patrocinador). Já as onze etapas do WCT, ao todo, apareceram em 68 publicações no portal. Desse conjunto, 29 (42,6%) tiveram o nome de Gabriel Medina no título e sua foto foi destaque em outras sete (10,3%), inclusive em matérias que traziam o nome de outros surfistas no título. O recorde foi o evento taitiano, sete destaques das oito matérias. O nome do surfista apareceu também em cinco publicações relacionadas a eventos do WQS, sendo duas sobre um evento havaiano e outras três sobre o *prime* de Maresias, além de duas matérias estampadas com sua foto durante a etapa brasileira.

Sua vida fora das competições rendeu ainda 21 matérias incluindo treinos, família, patrocinadores, #VaiMedina e ações beneficentes. Além de sua foto em destaque em outras nove matérias e mais cinco publicações com declarações de personalidades

exaltando o surfista: Shane Dorian, maior surfista de ondas grandes da atualidade, Neymar, Joel Parkinson, Adriano de Souza e Kelly Slater, em dois momentos. Além do colunista da HC, Steve Allain, que fala do “efeito Medina” nas areias do Havaí.

Para falar de Gabriel, a HC usa expressões como: salvou a pátria brasileira; resultado incontestavelmente ótimo para um *goofy*; na crista da onda; campanha implacável; à vontade; pode superar quem aparecer no seu caminho; brilhante temporada; aplicou uma lavada; Medina só depende de si para realizar o sonho de milhares de brasileiros; Gabriel lidou – ou melhor – nem sentiu a pressão de estar no topo; mostrou segurança, solidez, habilidade fora do normal e um controle psicológico absurdo. A HC elegeram os dez melhores aerealistas do WCT em 2014. Adriano ficou em nono e Gabriel foi primeiro porque: chegou endiabrado ao WCT; é show garantido; causa e ainda causará muitos estragos entre os melhores do mundo. Depois de noticiar a conquista do mundial, o portal ainda veiculou quatro matérias sobre o título, com destaque para o depoimento de Kelly, via Instagram, afirmando que o título foi “mais que merecido”.

Nas edições impressas, Gabriel é capa em abril, agosto, setembro e novembro de 2014, o que corresponde a 33,3% das capas do ano. As matérias trazem viagens, o treinamento do surfista “reproduzido sob imagem do “Homem Vitruviano” de Leonardo Da Vinci”, a “performance espetacular” no Taiti e um especial SlaterXMedinaXFanning, respectivamente. Além de uma entrevista com Charles. Na revista de junho, lançada “em clima de Copa do Mundo”, Gabriel é comparado a Neymar: “Medina já fez bem mais que Neymar, proporcionalmente. Mas os dois se equiparam em talento, reconhecimento e genialidade”. A reportagem central da edição de outubro “celebra a atitude hardcore” de “ícones modernos”: Gabriel Medina, Miguel Pupo, Filipe Toledo e John John Florence (capa). Em dezembro, a HC traz personalidades do esporte no Brasil e no mundo respondendo a seguinte pergunta: “o surfe está preparado para um campeão mundial brasileiro?”. Logo, além das capas, Gabriel foi destaque de outros 25% das HCs de 2014.

Já o título mundial ganha uma “edição histórica”: “espetacular, fantástico, absurdo, singular, incrível, surreal, inesquecível, animal! (...) Cravou definitivamente o início de uma nova era no esporte”. De todas as matérias relacionadas a Gabriel veiculadas nas versões impressas de 2014, cinco são publicadas no site. A maioria aparece meses depois em momentos de destaque para Gabriel. O especial sobre o treinamento reaparece, pela segunda vez, no site no início de 2015.

Em 2014, das 68 matérias sobre eventos do WCT, oito (11,8%) traziam o nome de Adriano no título e sua foto estampava mais duas (3%). Seus maiores destaques foram nas etapas de Bells Beach, onde foi campeão em 2013, e do Rio, graças a um embate com Kelly Slater. Sua vida fora das competições, intitula seis matérias e sua foto aparece em destaque em outras duas. Suas performances nas etapas aparecem com expressões como: está em ótima fase; Mineiro vai pra cima; Mineiro foi inteligente e usou a experiência para vencer Medina; um dos favoritos ao título [no Rio]; a esperança brasileira; mostrou entrosamento com a onda; brilhou em dia de zebras; temporada consistente; fez bonito.

Nas edições impressas, Adriano participa da reportagem central de maio (8,3% do total do ano), com outros ídolos do surfe nacional, que reaparece no site meses depois. No início da temporada de 2014, a HC classifica Adriano como o melhor brasileiro no WCT. Nas matérias sobre o evento brasileiro, o portal impõe uma troca de guarda, com Gabriel recebendo o papel de líder da tempestade brasileira, que antes era de Adriano.

“Depois de uma temporada inesquecível”, o volume de matérias publicadas pela HC no começo do ano de 2015 é expressivamente maior que no ano anterior. “Gabriel Medina está mais letal do que nunca” e sua foto estampa duas matérias, enquanto seu nome aparece no título de outras oito, além de uma entrevista com o CEO da Rip Curl no Brasil, Felipe Silveira. Já o nome de Adriano aparece em duas matérias e sua foto estampa outra com o seguinte título: “Quero ser campeão mundial de surf”.

Durante as 11 etapas do WCT, o portal veiculou 93 matérias sobre as competições. Desse total, 18 (19,4%) faziam referência a Adriano de Souza no título e a imagem do surfista apareceu em evidência em outras duas (2,2%). O destaque foi a etapa de Margaret River, quando Adriano saiu com o troféu e protagonizou cinco das nove publicações. Fora das etapas, Adriano é mencionado no título de outras 12 matérias, sendo cinco em 2016, e estampa mais quatro, apenas uma em 2016, sobre a premiação oficial do campeonato mundial. O portal traz ainda quatro declarações de surfistas a respeito da temporada de Adriano: Filipe Toledo, Kelly Slater (em dois momentos) e Bruce Irons. A HC elege ainda o duelo entre Adriano de Souza e Stephan Figueiredo, no campeonato nacional de 2005, como “uma das baterias mais marcantes da década”.

Antes do início do Pipe Masters, o portal publica entrevistas em vídeo com Adriano e Gabriel, apenas o texto do último tratava sobre as expectativas pelo título. Na cobertura da etapa, todas as matérias traziam as condições de título dos seis postulantes. As previsões eram divididas por cada fase do evento, sinalizando quem poderia ser campeão

naquele momento e, na sequência, trazia as condições que fariam Filipe assumir a liderança do ranking naquela fase. Após noticiar as conquistas de Adriano, os títulos mundial e do Pipe Masters, o portal ainda divulga outras seis matérias sobre o assunto.

Para falar de Adriano, durante o ano, a HC usou expressões como: um dos surfistas mais sólidos; impressiona com as maiores médias do dia; desempenho impecável; Adriano é high score; representou muito bem a bandeira brasileira; Mineiro é o Brasil no Round 4; fez sua parte para se tornar o único brasileiro classificado; Adriano fez outra vítima; deu um verdadeiro nó em Slater; liderança e recorde: Mineiro é top1 e iguala vitórias de Gabriel [cinco no WCT]; absolutamente competitivo; Mineiro foi cirúrgico; o líder apavorou; lutou até o último minuto; principal aposta; surfe dinâmico, quase como um milagre, Adriano de Souza se segurou na ponta; um dos destaques brazucas; surfou bem, com muita garra e vontade; Adriano deu show: uma das baterias mais espetaculares; encaixe perfeito no tubo; mirando o topo do mundo; avançou com facilidade em ondas medianas; Mineiro espetacular; tarde emocionante e histórica para o surf brasileiro; protagonizou uma virada emocionante, quebrou o jejum de 10 anos [no WCT].

No ano que sucede sua conquista do título mundial, Gabriel aparece na HC como: sensação mundial; acostumado a se dar bem; ataque fatal; Medina puxa o limite, dono de uma ascensão meteórica; aparentemente imbatível; pasmem: Gabriel Medina e Filipe Toledo foram eliminados na primeira fase; *showman*; esbanjou técnica. Gabriel protagoniza 22 (23,7%) das 93 matérias sobre o WCT e estampa outras nove (9,7%). Fora das competições, o surfista recebe destaque no título de 28 publicações (sendo quatro em 2016) e sua imagem ilustra mais quatro.

Nas versões impressas da HC de 2015, Adriano foi capa da revista de outubro, com um especial sobre a *brazilian storm*. Filipe Toledo estampa as edições de abril e junho, sendo que na primeira é definido como “nosso próximo campeão mundial”. A HC de agosto conta com uma entrevista com Gabriel, a de setembro traz um “mergulho” em sua biografia. As duas publicações são veiculadas também no site. A revista de novembro tem uma pequena matéria sobre “a sobrevivência de Medina”. A edição de dezembro traz um especial sobre o título mundial: “Seis homens e um caneco”. Portanto, Adriano é capa em 8,3% das revistas de 2015 e destaque em outros 8,3%. Já Gabriel é citado em 33,3% das publicações impressas desse mesmo ano.

A edição de janeiro/fevereiro de 2016 tem “Mineiro campeão” numa capa que ainda apresenta textos referentes a Medina e a Tríplice Coroa, a eleição de Ítalo como

calouro do ano e a conquista de Caio no WQS. “Edição histórica, que marca a consagração de Adriano de Souza, o mais novo campeão mundial”: “a classe operária vai ao paraíso”. A revista conta com uma crônica sobre o Pipe Masters e uma retrospectiva das etapas do “World Tour mais eletrizante e imprevisível de todos os tempos”.

Considerações finais

De acordo com as biografias, Gabriel se enquadra no estilo dionisíaco, o preferido dos brasileiros, enquanto Adriano é um exemplo do apolíneo. As duas trajetórias dos heróis começam com lesões, o declínio no mundo sobrenatural, onde ambos trabalham para ressurgirem consagrados, seja na Gold Coast ou em Margaret River. Adriano venceu mais provas na carreira, mas só Gabriel atinge o terceiro estágio da jornada. Ele coloca o nome do Brasil no topo, assim enriquece a sociedade e perpetua seu legado antes mesmo de concretizar sua maior conquista. Ao competir em Maresias, “quintal” de sua casa, Gabriel concretiza o retorno ao mundo dos humanos e compartilha o êxito com seu povo.

Para o jornalismo, o título de Gabriel abarca um dos principais critérios de noticiabilidade, o ineditismo, o raro ou inesperado, quando “o feitiço da realidade cotidiana é quebrado” (Stephens *apud* Traquina, 2005, p.96). Segundo Traquina, a notoriedade do ator principal também é um critério fundamental. “Quanto mais personalizado é o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação” (TRAQUINA, 2005, p. 92). Nesse cenário, Gabriel se consolida como um ótimo ator principal (tanto seu nome quanto sua imagem) e uma espécie de desbravador do inesperado, acrescido ao fato de sua conquista reafirmar o sucesso brasileiro nos esportes após a derrota da seleção de futebol por 7 a 1 para a Alemanha.

O título mundial vigora a conquista de três etapas tradicionais no WCT, em ondas muito diferentes, com o Taiti sendo um divisor de águas, segundo a HC. Somado a esses fatores está novamente a concretização da mudança de guarda. O menino de 20 anos supera 11 títulos mundiais de Kelly e três de Mick e personifica a consagração da nova geração. Para a mídia internacional, esse é o maior triunfo de Gabriel. Por isso, a HC publica títulos como: “Medina apavora em Snapper”, “o rei de Fiji” e “a saga de Medina”.

Em 2015, a relação ídolo-imprensa-público sobre Gabriel está consolidada. O cenário então desenha um novo ídolo no surfe nacional: Filipe Toledo. O ubatubense conquistou três etapas do WCT em 2015, levou uma multidão às areias cariocas para assistirem seus aéreos no melhor estilo dionisíaco e podia se tornar o campeão mundial mais jovem da história, aos 19 anos. Já a maioria das mídias australiana e americana adota

Mick como favorito. O australiano sobreviveu a um ataque de tubarão no evento da África do Sul, que foi transmitido ao vivo e assistido por milhões, e perdeu o irmão, em dezembro. São esses os três principais rivais de Adriano no último capítulo da luta pelo título. Até esse estágio, Adriano havia vencido apenas uma etapa e era terceiro no ranking. Com isso, para falar de suas conquistas, a HC escolhe títulos como “Mineiro supera John John” e “as baterias de Mineiro em Margaret”.

O portal americano Surflife categoriza Adriano como o trabalhador, representante do ser brasileiro e com passado semelhante ao da maioria dos jogadores de futebol. Gabriel é ícone e herói nacional enquanto Filipe é o garoto que treme o sistema e empodera a juventude. Um título de Filipe seria a reafirmação da nova geração e um brasileiro quebrando o recorde de Kelly, enquanto o experiente Adriano já havia “batido na trave” em nove temporadas e sua conquista passaria pela derrota de um compatriota.

Dylan Heyden, editor do portal *The Inertia*, questiona e lamenta o fato de Adriano ser o campeão mundial menos respeitado de todos os tempos. O texto coloca que a conquista do brasileiro não foi repleta de entretenimento e ainda impediu o final perfeito da história de Cinderela de Mick. Mike Jennings, da *Surfing World Magazine*, aponta que Adriano é vítima do “*confirmation bias*” (ou viés da confirmação, em tradução livre). Segundo o autor, psicólogos afirmam que esse conceito está ligado ao fato de que as primeiras informações aprendidas a respeito de uma pessoa interferem em todas as subsequentes e, assim, o início da carreira de Adriano, a competitividade e o surf sem tanta empolgação seguem prejudicando sua percepção na imprensa mundial e com os fãs.

Sendo assim, a conquista de Gabriel assume um peso e uma importância maior no cenário global. Enquanto, no Brasil, o surfista traz o inédito para o jornalismo, se configura como o responsável por reerguer a bandeira nacional no topo, se consolida como uma celebridade, estrelando campanhas de gigantes globais e se relacionando com ícones da mídia nacional. Todos esses fatores potencializam o caráter personalista dos desempenhos do atleta. Diferente de Adriano, Gabriel não precisa ser relacionado à “instituição Brasil” porque sua própria figura é institucionalizada, o que é explicitado no volume de vezes em que seu nome ou sua imagem aparecem em destaque na HC. Além disso, sua jovialidade e “carreira meteórica” aliadas a raridade de seus triunfos explicam o uso excessivo de adjetivos.

Enquanto Adriano surge como um trabalhador árduo que segue o rumo trilhado por Gabriel e, ao mesmo tempo, põe fim ao sonho de outros dois compatriotas, ambos de

grande aceitação no Brasil. Se Filipe ganhou três etapas, Adriano só havia ganhado uma. Mesmo com toda a inegável tradição do Pipe Masters, um título de Adriano num evento anterior teria aumentado a confiança da mídia e dos fãs, como ocorreu com Filipe após a vitória em Portugal. Somado a isso, o cenário esportivo nacional vivia a euforia da contagem regressiva para o início dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, faltavam sete meses. Assim, a conquista de Adriano se apaga nessa teia.

Referências

BRANDÃO, Túlio. **Gabriel Medina** / Túlio Brandão; Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2015. 208p.

Editora 3. **Revista HARDCORE**. Disponível em:
<http://www.editora3.com.br/revista_hardcore.php> Acesso em: 10 de jul de 2017

HardCore. **Notícias**. Disponível em: <<http://hardcore.com.br/noticias/>> Acesso em: 10 de jul de 2018

HELAL, Ronaldo. **A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Revista Alceu, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003. Disponível em:
<<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Helal.pdf>>. Acesso em: 16 de jun de 2018.

HEYDEN, Dylan. **Is Adriano the Least Respected World Champ Ever?**. The Inertia, 2016. Disponível em: < <https://www.theinertia.com/surf/is-adriano-the-least-respected-world-champ-ever/>>. Acesso em: 20 de jul de 2018.

JENNINGS, Mike. **Theory: This is probably why some people still think Adriano sucks (when he doesn't)**. Surfing World Magazine, 2017. Disponível em: < <https://surfingworld.com.au/theory-probably-people-still-think-adriano-sucks-doesnt/>>. Acesso em: 20 de jul de 2018.

MUSSA, Felipe de Sá. **Construção do ídolo na mídia**. Felipe de Sá Mussa. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Disponível em:
<<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2639/3/FSMussa.pdf>>. Acesso em: 16 de jun de 2018.

ROEDEL, Bruno Barbosa de Oliveira. **Construção de mitos nas matérias do diário Lance! Pan 2007: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008. Disponível em:
<<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1788/3/BBORoedel.pdf>>. Acesso em 17 de jul de 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. V. 2, p.61-101. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Márcia. **Como se tornar um campeão: a história de Adriano de Souza, o Mineirinho, da pobreza ao título mundial de surfe** / Márcia Vieira. - 1 ed - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. 176p.

World Surf League. **History**. Disponível em: <<http://www.worldsurfleague.com/pages/history>>. Acesso em: 18 de jun de 2018.